

Atitudes de mulheres em relação à amamentação – Estudo exploratório

JOANA COUTINHO (*)

ISABEL PEREIRA LEAL (*)

A maternidade tem sido percepcionada de formas diferentes, ao longo do tempo de acordo com a cultura e a sociedade em que a mulher se encontra, produzindo alterações nas suas próprias experiências de gravidez e maternidade (Canavaro, 2001). Entre modas e filosofias médicas que tem propiciado diferentes atitudes em relação à gravidez e ao parto, destaca-se hoje as atitudes em relação à prática da amamentação com os seus hábitos, preconceitos, medos e lendas (Lothrop, 2000).

Segundo as conclusões e directivas da “World Declaration and Plan of Action for Nutrition”, decorrente da “International Conference On Nutrition”, em Dezembro de 1992, em Roma, a Organização Mundial de Saúde considera que todas as mulheres devem ter a oportunidade de alimentar os seus filhos, exclusivamente com leite materno nos primeiros 6 meses e como complemento até aos 2 anos de vida do bebé (WHO, 2002).

Na persecução desta directiva, existe um aconselhamento generalizado por parte dos técnicos de saúde, consultas de especialidade e políticas de protecção à amamentação.

Em Portugal o que acontece mais frequente-

mente, é amamentar a criança no máximo durante os primeiros quatro meses, altura que coincide, com a licença de parto que a legislação portuguesa prevê, sendo que a maioria não chega ao segundo mês de aleitamento (Mendes, 2001).

Este padrão de abandono precoce da amamentação representa uma preocupação, uma vez que curtos períodos de aleitamento materno estão associados com o aumento da morbilidade e mortalidade infantil (McLennan, 2001).

As razões encontradas para o abandono da amamentação podem guiar e orientar esforços no sentido da promoção da saúde com a finalidade de aumentar a duração do aleitamento materno (McLennan, 2001).

Alguns estudos mostram que as atitudes das mães relativamente aos métodos de alimentação dos seus filhos determinam parcialmente o seu comportamento (Manstead & Smart, 1983).

De facto, as atitudes das mulheres em relação à amamentação constituem um importante componente na explicação dos seus comportamentos e parece-nos, portanto importante abordá-las a fim de perceber como estas influenciam os comportamentos das mulheres em relação à escolha do método com que desejam alimentar os seus filhos.

Num país como Portugal, que tem a maior taxa de trabalho feminino da Europa e um período de licença de parto nunca superior a 4 meses,

(*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

interessa-nos perceber a compatibilidade entre diversas variáveis.

Assim, o objectivo principal deste estudo é investigar as atitudes das mulheres em relação à amamentação.

MÉTODO

Participantes

A amostra é constituída por um grupo de 460 mulheres, em que os únicos critérios de inclusão são possuir um nível de escolaridade igual ou superior ao 1.º ciclo do ensino básico e ter idade superior ou igual a 14 anos.

As mulheres pertencentes à amostra situam-se, predominantemente, na faixa etária dos 31 e 40 anos de idade (26,1%), são casadas ou vivem em união de facto (57,6%), possuem formação a nível do ensino secundário (41,7%), são activas profissionalmente (64,6%) e têm filhos (63,9%).

Material

Foram elaborados dois instrumentos, um de caracterização sociodemográfica da amostra e uma escala de atitudes.

O instrumento de caracterização sociodemográfica utilizado neste estudo é de auto-preenchimento e é composto por uma parte inicial onde se pretende caracterizar as variáveis demográficas da amostra – idade, estado civil, nível de escolaridade e situação profissional; duas questões sobre a existência de filhos ou não e o número de filhos; um conjunto de questões sobre o comportamento das mulheres em relação à amamentação ou à sua intenção comportamental; questões relacionadas como os seus motivos para deixar de amamentar ou para não amamentar e questões relativas à sua indecisão em amamentar e existência de influência de outros em relação a esta decisão.

O questionário de atitudes elaborado é, também, de auto-preenchimento, tem por base a perspectiva de Ajzen (1988) e é composto por 50 questões relacionadas com as várias classes de resposta atitudinal e que constituem as 4 sub-escalas: cognitiva (dividida nas questões relacionadas com os factores que facilitam a amamentação e

nos obstáculos percebidos), afectiva e comportamental.

A resposta a cada uma das questões é dada numa escala de tipo Likert com 5 posições.

A consistência interna avaliada com o Alfa de Cronbach para a escala total foi de 0,8349.

Procedimento

A amostra é não probabilística, de conveniência, pois é constituída por indivíduos que acidentalmente participaram no estudo.

Os sujeitos foram directamente convidados a participar no estudo e procedeu-se à aplicação dos questionários, assegurando a confidencialidade e o consentimento informado, após uma breve explicação sumária sobre o objectivo do estudo.

Após a recolha de dados e de forma a verificar a existência ou não de relações significativas entre as variáveis criou-se uma base de dados para possibilitar um tratamento estatístico em SPSS, adoptando um nível de significância de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Comportamento em relação à amamentação

Verifica-se que 91,8% das mulheres amamentaram os seus filhos, no entanto 61,1% destas fizeram-no durante menos de 6 meses.

Os principais motivos apresentados pelas mulheres para a desistência da amamentação foram a insuficiência de leite (44,1%), ou mesmo a sua inexistência (23,8%), o regresso da mãe ao trabalho (12,3%) e a rejeição por parte do bebé (10%) (Figura 1).

A maioria das mulheres que não amamentaram relataram não o ter feito por não terem leite (29,2%), ou este ser insuficiente (20,8%) e mostraram, ainda, preocupações com a sua forma física (20,8%) (Figura 2).

A maioria das mulheres revela não ter recebido qualquer influência quanto à sua decisão de amamentar (82,7%), nem ter estado nunca indecisa quanto a vir a fazê-lo (93,5%).

Atitudes face à amamentação

85% das mulheres revelam uma atitude posi-

FIGURA 1
Motivos para abandonar a amamentação

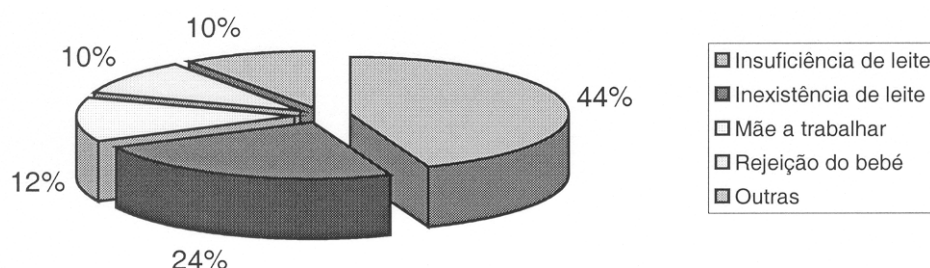
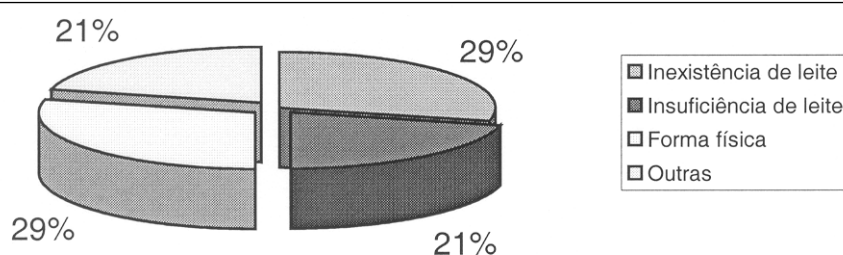


FIGURA 2
Motivos para não amamentar



tiva face à amamentação, uma vez que se considerou que quanto mais alta fosse a pontuação nas respostas dadas, mais favorável seria a atitude das mulheres. Assim, considerou-se atitude positiva quando as mulheres obtiveram uma pontuação, na escala de Likert, de 4 ou 5 pontos.

Constatou-se a existência de uma atitude positiva perante a componente cognitiva facilitadores, sendo que as mulheres consideram que amamentar é melhor para o bebé que o leite artificial, bem como para a mãe e para o estabelecimento da relação entre ambos. Acreditam, ainda, que os bebés amamentados até aos seis meses são mais saudáveis que os alimentados exclusivamente com leite artificial e que o leite materno tem todos os nutrientes necessários à criança nos seus primeiros seis meses de vida.

Revelam, também, que o leite materno é mais barato, mais natural, mais saudável, mais eficaz, tem mais vantagens, previne o cancro da mama, fortalece o sistema imunitário do bebé e o leite

não se altera quando retirado com antecedência e guardado para dar ao bebé posteriormente.

Para as mulheres o apoio dos seus companheiros, relativamente à amamentação, é indispensável, consideram que os técnicos de saúde ajudam as mulheres e que a amamentação é um método socialmente aceite.

Em relação à componente cognitiva obstáculos verifica-se a existência de uma atitude positiva. As mulheres pertencentes à amostra, confessam sentirem-se embaraçadas quando amamentam à frente de um desconhecido, revelam que amamentar sujeita a mulher a horários rígidos, que a limita, sendo condicionante da sua liberdade, pois esta tem que estar sempre próxima do bebé e este está demasiado dependente da mãe. Revelam, ainda, que amamentar não é compatível com a vida profissional da mulher.

Discordam, que amamentar provoque cansaço, ou que estrague o peito, bem como, contribua para o aumento de peso da mãe ou provoque

desconforto físico, mas concordam que produz alterações na imagem física da mulher.

Não concordam, também, com as afirmações de que o leite artificial seja mais eficaz ou mesmo igualmente saudável, que o materno seja fraco ou necessite de um complemento ao bebê. Não consideram a amamentação uma experiência dolorosa, que introduza perturbações na vida familiar e social, que amamentar seja difícil ou que não permita ao pai envolver-se.

Constatou-se que existe uma atitude positiva perante a componente comportamental, na medida em que a maioria das mulheres encorajaria as suas amigas a amamentar mesmo se estas já se tivessem decidido pelo leite artificial, tentavam influenciá-las, mas não o fariam se as amigas se encontrassem muito ansiosas ou não quisessem mesmo fazê-lo.

Verificou-se, ainda, que existe uma atitude negativa perante a componente afectiva, pois, apesar da maioria das mulheres avaliar a amamentação como uma experiência gratificante e emocionalmente satisfatória, também a maioria considera que todas as mulheres devem amamentar, mesmo que estejam muito ansiosas. Confessam ainda sentir-se incomodadas quando uma mulher toma a decisão de não amamentar ou decide não o fazer por razões estéticas e ficam perturbadas quando as mulheres decidem não amamentar por questões profissionais.

Discordam que as mães que não amamentam sejam más mães ou que quando a mãe não quer, deve amamentar, mas concordam que seria desejável que todas as mães amamentassem os seus filhos e que a decisão de amamentar é apenas da responsabilidade da mãe.

Relação entre atitudes face à amamentação e variáveis secundárias

Relação entre atitudes e variáveis demográficas

Verifica-se que as mulheres cuja idade se situa entre os 31 e os 40 anos de idade, que são casadas, com o ensino secundário e profissionalmente activas são aquelas cujas atitudes foram tendencialmente mais positivas.

São significativas as diferenças entre a componente cognitiva – facilitadores e a situação

profissional (as mulheres activas percebem mais aspectos facilitadores da amamentação) ($M=252,59$; $H=13,624$; $p<0,034$), entre a componente cognitiva obstáculos e o estado civil (as mulheres casadas tendem a perceber menos obstáculos à amamentação) ($M=247,20$; $H=12,205$; $p<0,007$), entre a componente afectiva e o nível de escolaridade (as mulheres com o ensino superior apresentam um valor elevado para esta componente) ($M=270,85$; $H=31,293$; $p<0,000$) e finalmente entre a componente comportamental e a situação profissional (donde as mulheres activas profissionalmente apresentam uma componente comportamental mais elevada) ($M=260,07$; $H=14,854$; $p<0,021$).

Relação entre atitudes e a existência ou não de Filhos

As mulheres que já foram mães apresentam uma atitude mais favorável que as que não tiveram filhos ($\chi^2=29,867$, $p<0,000$), nomeadamente no que diz respeito à componente cognitiva – facilitadores ($M=71215,00$; $U=20954,0$; $p<0,004$), à componente cognitiva – obstáculos ($M=73062,00$; $U=19107,0$; $p<0,000$) e à componente comportamental ($M=71907,00$; $U=20262,0$; $p<0,001$), uma vez que revelam valores mais positivos nestas componentes.

Relação entre atitudes e o comportamento

No que diz respeito ao comportamento face à amamentação, verificou-se que as mulheres que amamentaram têm uma atitude positiva ($\chi^2=30,001$; $p=0,000$), sendo que percebem menos obstáculos (componente cognitiva – obstáculos) ($M=40796,00$; $U=2269,000$; $p<0,006$) e tendem a aconselhar mais as suas amigas a amamentar (componente comportamental) ($M=41086,50$; $U=1978,5$; $p<0,001$).

Intenção comportamental

Das mulheres que tiveram filhos 94,2% consideram que se tivessem outro amamentariam e das que nunca tiveram, 96,4% consideram que amamentariam se viessem a ter, revelando, assim, a maioria da amostra uma intenção comportamental no sentido favorável à amamentação.

As mulheres que revelaram ter intenção de

amamentar o seu filho no futuro possuem atitudes positivas, concretamente em relação às componentes cognitiva-facilitadores ($M=41561,50$; $U=1650,5$; $p<0,021$), cognitiva-obstáculos ($M=41975,50$; $U=1236,5$; $p<0,000$) e comportamental ($M=41713,50$; $U=1498,5$; $p<0,006$). Estas mulheres revelam, ainda, ter amamentado os seus filhos e não ter estado indecisas quanto vir a fazê-lo.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo, sendo válidos apenas para o grupo específico de sujeitos estudados, revelaram que existe uma atitude de aceitação generalizada das vantagens da amamentação, chegando mesmo, as mulheres que já foram mães, a considerar que todas devem amamentar, mesmo quando não o desejam.

Verifica-se que as mulheres que de alguma forma já se confrontaram com a possibilidade do comportamento (tiveram filhos ou amamentaram) manifestam atitudes mais positivas.

Apesar das recomendações de que as mães amamentem exclusivamente até aos 6 meses e até aos dois anos como complemento, verificou-se que quase a totalidade das mulheres que tiveram filhos os amamentaram, no entanto, o tempo de duração da amamentação é inferior àquele que seria desejável.

As mulheres reconhecem alguns benefícios para a criança e para a mãe, tanto do ponto de vista físico, como afectivo, estes resultados encontram-se de acordo com os estudos de Libbus, Bush, e Hockman (1997) e Talayero, Serrano, Feijoo, Barranco, Ferrer, Camacho, Palomares, e Abad (1999). Por outro lado revelam alguns obstáculos à amamentação, como os que estão relacionados com o embaraço e com alguns prejuízos para a mãe, o que se revela de acordo com os estudos de Holmes, Thorpe, e Phillips (1997).

No entanto, se algumas mulheres reconhecem dificuldades e embaraços, é de sublinhar que são as mulheres activas que mais amamentam e que percebem a amamentação como tendo menos obstáculos.

Ainda assim, verifica-se que a maioria da amostra (61,1%) abandona precocemente o aleitamento e que destas só 12,3% invocaram como razão o regresso ao trabalho.

É de salientar que a maior parte das mulheres

alega motivos exteriores à sua vontade (insuficiência de leite – 44,1% ou inexistência – 23,8%) para o abandono da amamentação. Para McLennan (2001), as mães podem sentir-se culpabilizadas quando decidem não amamentar ou abandonar precocemente a amamentação, daí ser para elas mais aceitável basearem a sua escolha em aspectos independentes da sua vontade e controlo, do que em razões pessoais, sendo talvez esse o motivo de tantas mulheres terem alegado estes factores para o abandono da amamentação.

A grande maioria das mulheres revelou, ainda, uma intenção comportamental no sentido da amamentação. Estes dados são apoiados pelos estudos de Marques, Lira, Lima, Silva, Batista, Huttly, e Ashworth. (2001), McIntyre, Hiller e Turnbull (2001) e Jones (1986) que também verificaram a existência de elevados níveis de intenção comportamental.

Tudo isto faz-nos questionar se a enorme margem de atitudes positivas face à amamentação não é sobretudo um produto da desejabilidade social.

O tema que abordámos, neste trabalho, é rico e ainda pouco explorado, donde este estudo apenas pretende fornecer algumas informações e pistas de acção para futuras investigações.

A continuidade das investigações nesta área irá fornecer quer ao psicólogo, quer aos outros técnicos de saúde conhecimentos que possibilitem um evidenciar de esforços, com vista à compreensão dos factores envolvidos no início da amamentação e na sua manutenção e à mudança comportamental necessária à diminuição do abandono precoce, estimulando intervenções na área da promoção da saúde, que particularmente neste virar de século, são cada vez mais do domínio da intervenção do psicólogo clínico na saúde.

REFERÊNCIAS

- Ajzen, I. (1988). Attitudes and personality traits. In T. Manstead (Ed.), *Attitudes, personality and behavior* (pp. 1-24). Great Britain: Open University Press.
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto.
- Holmes, W., Thorpe, L., & Phillips, J. (1997). Influences on infant-feeding beliefs and practices in an urban aboriginal community. *Australian And New Zealand Journal Of Public Health*, 21 (5), 504-510.

- Jones, A. (1986). Attitudes of breast-feeding mothers: a survey of 649 mothers. *Social Science And Medicine*, 23 (11), 1151-1156.
- Libbus, K., Bush, T. A., & Hockman, N. M. (1997). Breast-feeding beliefs of low-income primigravidae. *International Journal of Nursing Studies*, 34 (2), 144-150.
- Lothrop, H. (2000). Tudo sobre amamentação. Brasil: Paulinas Editora.
- Manstead, A. S. R., & Smart, J. L. (1983). Predicting and understanding mother's infant-feeding intentions and behavior: testing the theory of reasoned action. *Journal Of Personality And Social Pshychology*, 44 (4), 657-671.
- Marques, N., Lira, P., Lima, M., Silva, L., Batista, M., Huttly, S., & Ashworth, A. (2001). Breastfeeding and early weaning practices in northeast Brazil: a longitudinal study. *Pediatrics*, 108 (4), 50-66.
- Mendes, R. (2001). Amamentação: quando ele mais depende de nós Consultado em 24 de Fevereiro de 2002 através de <http://www.saude.sapo.pt/gkbv/253565.html>
- McIntyre, E., Hiller, J., & Turnbull, D. (2001). Attitudes towards infant feeding among adults in a low socioeconomic community: what social support is there for breastfeeding? *Breastfeeding Review*, 9 (1), 13-24.
- McLennan, J. (2001). Early termination of breast-feeding in periurban Santo Domingo, Dominican Republic: mother's community perceptions and personal practices. *Revista Panamericana De Salud Publica/Pan American Journal Of Public Health*, 9 (6), 362-367.
- Talayero, J. M., Serrano, L., Feijoo, A., Barranco, E., Ferrer, A., Camacho, M., Palomares, M., & Abad, M. L. (1999). Breast feeding: knowledge, attitudes and sociocultural ambiguity. *Atención Primaria*, 24 (6), 337-343.
- UNICEF (2002). Key messages: what every family and community has a right to know about breastfeeding. Consultado em 12 de Janeiro de 2002 através de http://www.unicef.org/ffl/04/key_messages.htm.
- WHO (2002). Nutrition: world declaration and plan of action for nutrition. International conference on nutrition. Consultado em 12 de Janeiro de 2002 através de <http://www.who.int/nut/publications.htm#pol>.
- Santos, A. (2001). Amamentação é vida. Consultado em 24 de Fevereiro de 2002 através de <http://www.alimentamento.med.br/>.

RESUMO

O objectivo deste estudo exploratório é investigar a atitude das mulheres relativamente à amamentação. Participaram 460 mulheres, com mais de 14 anos de idade, com escolaridade superior ao 1.º ciclo do ensino básico, que constituíram uma amostra de conveniência. Responderam a um questionário de auto preenchimento, que incluía a caracterização sócio demográfica e uma escala de atitudes para com a amamentação.

Palavras-chave: Amamentação, atitudes.

ABSTRACT

The aim of the present exploratory study is to identify attitudes to breast-feeding of a sample of Portuguese women. Participants constitute a convenience sample of forty hundred sixty women with more than fourteen years of age, and school level above the first level of the basic school. Participants fulfil a questionnaire that includes a demographic questionnaire and an attitude questionnaire to breast-feeding.

Key words: Breastfeeding, attitudes.